OS PATRONOS

ELOGIO DE THOMAZ LOPES (*)

MANOEL ALBANO AMORA

A saudade de pessoa que não se conheceu é a prova mais sincera da afeição. O nobre sentimento, decantado por D. Francisco Manoel de Melo, Bernardim Ribeiro e Júlio Dantas, como que se apura, tornando-se mais cavalheiresco e generoso, em um dêsses casos, que raramente ocorrem. Não fugimos ao dever da verdade confessando uma velha estima por Thomaz Lopes. Velha, sim, porque em criança, aos nove anos, no Grupo Escolar do Norte da Cidade, quando não podíamos imaginar o nosso grato encargo de hoje nesta Academia, tôdas as tardes cantávamos o «Hino do Ceará», da autoria dêsse poeta e musicado por Alberto Nepomuceno. Nunca esquecemos peça tão primorosa. Se os autores se perpetuam nas obras que legam à posteridade, recordando-as é a êles que se recorda. Ninguém relembra o que não lhe é caro. E elogiar a quem se quer bem não custa nada. Mas, elogiar não é compor ditirambos, é fazer realçar as virtudes sem encobrir as



Thomaz Lopes
(Da col. do Instituto do Ceará)

(*) Proferido em sessão da «Academia Cearense de Letras».

fraquezas, antes desculpando estas, porque são próprias das criaturas. Não é mistér exagerar, deformando, mas sim reconstituir. Com êste intúito, penetramos na mansão encantada das evocações.

Os albuns de família, grossos livros de capas douradas e fôlhas com ramagens multicores, denunciando a gentil origem vienense, que adornavam os ricos consolos das arrumadas salas de visitas do Brasil de antigamente, são adoráveis relicários que falam à geração atual de costumes, gostos e fisionomias de épocas extintas. Lembram austeros cidadãos de fraques e cartolas, damas enfeitadas com rique-fifes e pulseiras, crianças vestidas de roupas que não eram as dos seus sexos, ao sabor da moda, graciosos cabelos caxeados, barbas respeitáveis, lindos braços morenos que o autor de «Várias Histórias» poderia apreciar, olhares que falavam e encantadores sorrisos surpreendidos em momentos fugazes de ventura.

Uma página arrancada de um dêsses **souvenirs** encadernados, salva da fúria destruidora ou do descaso de certos homens insensiveis por alguém de boa índole, animado pelo amor ao passado ou aprêço à tradição, representa um dia de alegria, de convívio amistoso e íntimo e de sociabilidade. A máquina fotográfica apanhou um aspecto de animado **pic-nic** realizado no Benfica, o arrabalde preferido pelos fortalezenses, em 1888 ou 1889. O presidente da província, o fidalgo Caio Prado, aparece à frente do grupo, que era numeroso e incluia as figuras já ilustres de Antônio Bezerra, Antônio Sales, Oliveira Paiva e Alberto Nepomuceno, os três últimos no verdor dos anos, o maestro Vítor Nepomuceno, genitor do compositor de «ABOUL», alguns outros convivas e a família Lopes Ferreira. A espôsa do notável jornalista João Lopes Ferreira Filho é vista na primeira fila, sorridente e de gracioso penteado, tendo perto de si o seu filho Oscar, enquanto à maior distância, em plano superior, ao lado do pai, o menino Thomaz Lopes posava para a posteridade.



João Lopes

O vulto de João Lopes, como está no retrato, alto e varonil, de barba negra, oferece margem, atendidas as reminiscências dessa fase invulgar da vida cearense, para o conhecimento, à primeira vista, do porte moral e intelectual do gigante das lides da imprensa e da

política. A estatura concordava com êsses outros atributos, de maior valia. O senhor de tantas e tão aprimoradas qualidades, aristocrata que não chegou a se convencer da superioridade da monarquia constitucional sôbre o regime preconizado por Prudente de Morais e Rangel Pestana, nasceu na localidade litorânea de Beberibe, de uma linhagem de que também fizeram parte Clarindo de Queiroz, Bonfim Sobrinho, Pedro de Queiroz e Américo Facó. Cêdo se transferiu para Fortaleza. Frequentou aqui o famoso Ateneu dos irmãos Costa Mendes, onde se tornou grande amigo de Rocha Lima e companheiro de peraltices de Paula Ney. Cuidou, já na quadra risonha da primeira mocidade, das cousas do espírito e das questões sérias, discutindo estas em várias assembléias de estudantes. Tomou assento na **Academia Francesa**, ao lado de Araripe Júnior, Rocha Lima, Thomaz Pompeu e outros rapazes vontadosos, quando, consoante o depoimento de Capistrano de Abreu, «ora candente como um raio de sol, ora lôbrego como a noute de Walpurgis, dava azas a seu colossal humor». Com a verve de Afonso Karr, acrescenta Pompeu, iniciou-se na imprensa local. **Gil Bert** de «A QUINZENA» e **Gil, Peri & Cia.**, com Antônio Martins e Oliveira Paiva, no «LIBERTADOR», responsável por elegantes crônicas de jornal, transformar-se-ia em fulgurante expositor de princípios e defensor de ideais nesse órgão de publicidade e na «GAZETA DO NORTE». Da tribuna da imprensa para as lutas pela abolição e a república era pequeno o caminho a percorrer. Triunfou como um dos corifeus da libertação dos cativos, no «Centro Abolicionista 25 de Dezembro», e da implantação da nova forma de governo, no «Centro Republicano». Cheio de vigoroso entusiasmo, não trepidou em emprestar o seu nome ao esquisito **ministério** que logo em seguida foi organizado, sobraçando a pasta dos Negócios do Interior. Deputado federal em várias legislaturas, ocupou a presidência da Câmara, com brilho incomum. Foi jornalista e orador de grandes recursos. Possuia a vocação do líder, sendo ainda um **dandy** e um **charmeur**, conforme escreveu Antônio Sales, que o conheceu e admirou. Na metrópole brasileira, em ostracismo a partir de 1915, exercendo o cargo de redator de debates do Senado, e pobre, fechou os olhos a 1º de maio de 1928, cercado da consideração dos seus superiores hierárquicos, respeitosos para com um varão cuja grandeza não fôra superada pelo que Alencar chamou de «a conspiração da indiferença».

A casa residencial do intimorato lutador, na nossa amada cidade, foi inicialmente à rua General Sampaio, esquina das atuais rua Guilherme Rocha e Praça José de Alencar. Era uma dessas moradas burguesas, porém de aspectos senhoriais, construidas sem economia de espaço e de material pela prodigali-

dade dos nossos antepassados. Muito ampla, de janelas largas e uma única entrada, abrigava sem atropelos os membros daquele lar. Casado a 10 de julho de 1876, na Igreja do Patrocínio, com D. Maria Amélia de Sousa (Menininha), irmã do Senador Joaquim Catunda e parenta próxima dos Pompeus de Santa Quitéria e dos Filgueiras do Carirí, João Lopes e sua mulher ali desfrutaram o enlêvo dos primeiros anos de consórcio. A habitação, alegre e acolhedora, recebia com prazer a nata social da Princesa do Norte. Thomaz, o primogênito do casal, nascido a 16 de novembro de 1879, soltou os seus vagidos dentro daquelas sólidas paredes, mas Oscar veio ao mundo a 31 de dezembro de 1882, em um Palacete de espaçoso jardim, adiante situado. Tempos depois, entregavam-se ambos às brincadeiras infantis, em companhia dos filhos de Antônio Pompeu, que residiam na antiga rua Amélia, onde fôra o solar do falecido Senador Pompeu, ou no sítio Santo Anastácio, em Jacarecanga, um pomar de cajueiros e mangueiras com um açude, que pertencera ao avô, João Lopes, o velho. Quando êles já estavam crescidos, Thomaz Lopes frequentando o Liceu do Ceará, após haver estudado no colégio «Partenon Cearense», do professor Lino da Encarnação e feito um curso de piano com Madame Baubier, a família se mudou para a rua Floriano Peixoto, canto de São Bernardo, sem alteração nos seus hábitos de alta distinção e simpatia. Nas rodas de calçada, algumas vêzes a conversação recaiu sôbre assuntos literários, e então a «Academia Cearense», o «Instituto do Ceará» e a «Padaria Espiritual» de certo mereceram referências.

A atração do Rio de Janeiro, meio que em nada concorre para aumentar a nomeada dos verdadeiros valores, segundo o conceito esboçado por Sílvio Júlio, dominaria a vontade do jovem homem público. João Lopes trocou de domicílio, mais ou menos em 1896. Na adolescência, o futuro poeta de «Sonho» também se ausentava, indo residir no Rio, à rua São Clemente n. 140. E seguiria sempre o «destino do seu povo errante», de que fala o cantor de «TERRA DE NINGUÉM» em sentido poema.

Os filhos de João Lopes, cujas frontes foram ornadas com a auréola do talento, por herança dos lados paterno e materno, criados em um meio familiar propício às manifestações do sentimento artístico, tornaram-se poetas e prosadores. Entregues aos seus dignificantes misteres de eleição, puderam oferecer à literatura pátria alguns livros bem expressivos dos seus pendores para essa arte de escrever que **tanta, tanta perícia requer**, segundo os versos de Olavo Bilac. Oscar, Abiah e Thomaz Lopes, formando uma tríade luminosa, tiveram o fado dos irmãos Mariano de Oliveira, todos amigos das musas, que celebraram

ao som de maviosa lira. Chegando à grande Capital, verificaram que prevaleciam entre os moços as atitudes românticas, características do século dezenove, mas na literatura o objetivismo já começava a ocupar o lugar a que tinha direito, crismado de realismo e parnasianismo.

Oscar Lopes pertenceu à **jeunesse dorée** da tentadora urbe na época de Bilac. Homenzarrão forte e bonito, com o cérebro transbordante de quimeras, dado à vida boêmia, usando às vezes um colete de veludo escarlate que fazia sucesso, soube também **ouvir estrêlas**, como o divino artista de «VIA LÁCTEA», seu amigo de todos os instantes. Enfeitiçado pelos encantos da Cidade Maravilhosa, adorou a existência festiva e divertida, fez a côrte às fascinantes donzelas e às mulheres fáceis de então, sorveu o vinho sem meias medidas e presenciou o romper das madrugadas nas mesas da «Confeitaria Colombo» e da «Pascoal». Conta Luiz Edmundo que, de uma feita, estando os parentes de João Lopes bastante apreensivos com enfermidade grave da mãe dêste e ansiando pelas notícias esperadas do Ceará, tiveram momentâneo alívio quando, noite alta, um estafeta, batendo no portão, anunciou um telegrama, mas imediatamente a espectativa de todos se repetiu, porque o despacho dizia: «Oscar, em Petropolis faz um luar magnífico — (assinado) Martins Fontes». Entretanto, a êsse impenitente sonhador pertenceu a autoria de «MEDALHAS E LEGENDAS», livro de poesias considerado «imortal pelo sentimento e pela perfeição técnica». Muito afeiçoado à forma, como notou Elísio de Carvalho em «NOVAS CORRENTES ESTÉTICAS NA LITERATURA BRASILEIRA», praticou a arte pela arte, o que não o impediu de haver sido o brilhante contista de «LIVRO TRUNCADO» e «MARIA SIDNEY», o conferencista de «A TENTAÇÃO», «O DIA E A NOITE» e «D. JUAN» e o teatrólogo de «ALBATROZ», «IMPUNES» e «A CONFISSÃO». A morte o abateu em 1º de agosto de 1938. **Impecável ourives da rima,** que vivia **cinzelando uma obra prima**, tal como está escrito em um perfil que um colega de parnaso lhe fêz, chegou até nós o seu espontâneo sonêto:

RÉPROBOS

Sós, os dois. Em redor a natureza . . .
As montanhas . . . o mar . . . os céus sagrados,
Os amplos céus de esplêndida beleza,
Sôbre o mar, sôbre os montes debruçados . . .

E nós dois, sós e tristes, na certeza
Da nossa condição de condenados,
Éramos diante da imortal grandeza
Dois humílimos sêres desgraçados.

Mas — ó milagre das metamoforses!
Daquelas mudas vastidões em meio,
Ao enlaçarmos, trêmulos, os braços,

Em represálias às maldições atrozes,
Sentíamos os dois dentro do seio
A imensidade ardente dos espaços.

Abiah Lopes (Sílvia Patrícia) é escritora, poetisa e jornalista, como informa Augusto Linhares na sua «COLETÂNEA DE POETAS CEARENSES». Autora do livro «FUMAÇA DO MEU CIGARRO», sabe devanear de pena em punho, traduzindo emoções e interpretando o mundo e a natureza através das belas letras. Nasceu longe destas plagas, mas não lhes há sido indiferente, rememorando-as em

SONHO PAGÃO

Nos dias de verão, quando o céu é cobalto,
Quando rola no espaço esta orgia de luz,
E que o Sol — o meu deus — derrama lá do alto
O calor que na terra em seiva se traduz,

Acorda dentro em mim u'a índia selvagem,
Filha do Norte bravo — o berço de meus Pais —
Daquele Ceará de que conservo a imagem:
— Cajueiros que se agitam em brancos areiais . . .

E na ardência pagã que o meu ser todo invade,
Canta, estremece em mim, numa louca ansiedade,
Um sonho todo verde, uma estranha ambição:

— Embrenhar-me na mata, unir-me à Natureza,
Meu corpo de mulher transformar em beleza,
No esplendor tropical da selva em floração!

Thomaz Lopes, uma das abelhas de Martins Fontes («NóS, AS ABELHAS» . . .), abelhas porque «viveram rindo, mas trabalhando, a cantar» uma canção que «foi tão bela e moça que será perpétua, como o fulgor do talento da roda literária que iluminava o Rio de Janeiro da «Confeitaria Colombo», de con-

formidade com as palavras do aedo de «VERÃO» e «GUANABARA», era um mancebo franzino e elegante. Um príncipe! exclama ainda o mesmo memorialista. Cavalheiro sem beleza física, porém muito insinuante, vestido com aprumo, surgia, certas noites, nos meios de sua convivência, de sobrecasacas cinzentas de corte perfeito ou em trajes verdadeiramente modernizados e com um chapéu duro de palhinha na cabeça. Gostava da «Colombo», da «Pascoal» e do «Café Llamas», entretendo-se em ruidosas palestras com Aníbal Teófilo, Coêlho Neto, Guimarães Passos, Goulart de Andrade, Augusto Maia, Emílio de Menezes. Tinha uma ingenuidade infantil, que não era a de um parvo, mas sim de um indivíduo genial. Assumia atitudes patéticas, caprichos da imaginação fantasista, como procedeu no Jardim Botânico, descobrindo-se diante de uma enorme roseira e confessando-se seu adorador, com um brinde de inúmeras e delicadas expressões, e deixando ficar junto ao tronco da planta o cartão de visitas. Admirador profundo do esteta de «AS CIDADES E AS SERRAS», já foi dito alhures haver sido êle o discípulo mais fiel do mestre incomparável. Entrou para o Itamaraty, onde Luiz Avelino Gurgel do Amaral o surpreendeu batendo na máquina, em dias de lazeres, o seu romance «A VIDA». Correu terras distantes, havendo servido em legações do govêrno nacional junto a diversas côrtes e presidências. José Veríssimo, em «LETRAS E LITERATOS», disse do seu labor constante, decisivo na preparação de «SONHO», «LIVRO DO ESPÍRITO», «HISTÓRIAS DA VIDA E DA MORTE», «UM CORAÇÃO SENSÍVEL», «CORPO E ALMA DE PARIS», «TERRAS DE FRANÇA», «PAISAGENS DE ESPANHA», «CARAS E CORAÇÕES», «A VIDA», «O CISNE BRANCO» e «MITOLOGIA GREGA E ROMANA» (tradução), que o emérito filigranista da frase e do verso, prevendo o próximo fim, desejava perpetuar-se. Prometia publicar ainda «OS VIVOS» (tragédia), «OS MENTIROSOS» (comédia), «POEMAS DAS BATALHAS» (poesia) e «MASCARADOS» (contos). Aos 33 anos, no dia 15 de julho de 1913, faleceu no sanatório suisso de Davis-Platz, sem ter podido realizar tudo quanto pretendera. Desapareceu como uma dessas árvores viçosas e altaneiras, de rápida ascenção, que tombam ao solo ao rigor dos vendavais, mal lhes surgem os primeiros frutos côr de ouro.

A obra em prosa que deixou não podia ser como a de Camilo, fundamentada na terra e no sangue dos seus ancestrais, porque reflete as impressões de um diplomata, obrigado a viajar, sem pouso demorado, conhecendo capitais e cidades balneárias, numa peregrinação inalterável por lugares de grande deslumbramento e sedução e burgos exóticos ou de pouco mo-

vimento. Não apenas nos livros de viagens, mas também nos romances e nos contos, percebe-se em Thomaz Lopes a influência de um certo cosmopolitismo, presente quase sempre nas descrições de localidades e de hábitos de povos com que entrou em contacto, nas histórias de amor, algumas tendo como motivos adultérios ou **flirts**, e nas tragédias que o seu senso de escritor soube urdir no papel em branco. Ninguém descreveu melhor a **frivolité** da pior camada da alta sociedade que precedeu à catástrofe europeia de 14-18, gozadora e sensual, entregue inteiramente às suas aventuras galantes. Não ignorava as escolas em voga. O estilo é brilhante e nada há de censurável por anti-natural nos enredos, embora se encontre um sabor mitológico em alguns escritos, em virtude do temperamento do autor e da sua formação clássica. É indiscutível que a cada passo o poeta se manifesta, participando da tarefa criadora.

Os livros de viagens são magníficos, escritos com pompas de linguagem, critério e cunho pessoal. «PAISAGENS DE ESPANHA», de grande tomo, é minucioso relato sôbre a pátria do Cid, descrevendo a vida em Madrí, as ruas e as avenidas, a alegria da população, as festas da realeza e as expansões da gente humilde, os museus com as suas telas e esculturas, as touradas e o encanto peculiar das províncias. «CORPO E ALMA DE PARIS» é um caderno de notas do imaginário **Heitor Margaride** e poderá servir de guia a quem queira ver de longe a Cidade-Luz, os seus **boulevards**, a Notre-Dame, o Louvre, o túmulo de Napoleão, o Père-Lachaise, as pontes, o bairro de Montmartre, os execráveis recantos do vício e as conquistas da civilzação gaulesa. «TERRAS DE FRANÇA» contém dados ligeiros e precisos a propósito de Hendaya, Saint-Jean-de-Luz, Bayonna, Pau, Lourdes e o sobrenatural, os Altos Pirineus, Bordeaux, e rochedos, rios, praias, castelos e portos.

O romance, «A VIDA», pintando o Rio do tempo do Prefeito Passos e tendo como tema central a narrativa de episódios da infidelidade conjugal de duas damas dos seus mais requintados salões com um abastado filho único, pervertido por educação imperfeita, baseada no luxo e na ociosidade e agravada por uma longa estada em Paris, prima pela exatidão. A reprodução do ambiente referto de snobismos e estrangeirices, as situações criadas e os desenhos dos tipos são satisfatórios. Existe algo de «O PRIMO BASíLIO» no entrecho, mas tratando-se de trabalho realista, e não naturalista, é mais sóbrio na descrição das cenas de volúpia.

Os contos, jóias trabalhadas, revelam lavor ático. Uns são tecidos de delicado subjetivismo, em outros a ação é verosímil e a leitura de todos causa prazer. Exemplos dos primeiros são o intitulado «CISNE BRANCO» e em geral os constantes de

«HISTÓRIAS DA VIDA E DA MORTE»; dos segundos, «CONCHA», mundano e sensualista, «ABUTRE» e «UM CORAÇÃO SENSÍVEL», do gênero trágico.

As crônicas, reunidas em «SETE SÓIS», são produções menos valiosas, porém representam, como afirmou Veríssimo, as primícias do beletrista.

A preferência, na ficção, pelos cenários de grandes centros urbanos, não impediu a Thomaz Lopes de recordar paisagens e quadros mais simples ou humildes, da gleba em que nascera. Talvez entendesse, como Antônio Sardinha, que «quem não ama, quem não estima, como uma querida visão doméstica, o burgo em que abriu os olhos ao mundo — as tôrres caiadas da sua paróquia, o cemitério em que repousam as raízes do seu sangue e da sua alma, a fonte das bucólicas mansas do entardecer, as ruínas de um convento com ninhos de cegonha no musgoso mirante, não pode, através das imagens que a infância nos deposita inapagàvelmente na sensibilidade, elevar-se à compreensão superior da nação a que pertence, — da raça em que se entronca». Pois «A JANGADA», «MUNKAUSEN» e «A APOSTA», contos que completam o elenco de «UM CORAÇÃO SENSÍVEL» e «O CISNE BRANCO», são visões da antiga **cidade do forte**, com a praça da Sé, o cemitério, o Passeio Público, de onde se divisa à distância as fumaradas do gazômetro, e a rua das Flôres.

As poesias obedeceram à disciplina parnasiana. As lições de Leconte de Lisle, Gautier e Banville, que estabeleceram a primazia da meiga luminosidade do cristal sôbre o esplendor dos diamantes lapidados, para a representação da beleza, lhe foram de real proveito. Escreveu-as com esmero, tornando-as melodiosas, ricas de emoção e dotadas de um leve simbolismo à Alberto de Oliveira. «SONHO», um milagre de harmonia e inspiração, onde há gemas como «AZUL» e «MONJA», é dividido em «SONHO DAS EPOPÉIAS», «SONHO DOIRADO» e «SONHO DOS SONHOS», constando dessa última parte a «MISSA BRANCA» e a «TRAGÉDIA DA MORTE». «O LIVRO DO ESPÍRITO», dedicado à noiva adorada, àquela a quem se uniria pelos laços do matrimônio, D. Jesuina Inglês de Sousa (Zizi), filha de Herculano Marcos Inglês de Sousa, o romancista de «O MISSIONÁRIO», pode ser colocado em plano idêntico, pelo mérito dos poemas que o constituem. Perambulando no espaço e no tempo, o espírito alado, que não é senão o do bardo, contempla espetáculos maravilhosos e acontecimentos



Sra. Thomaz Lopes

tétricos, regressando enfim ao local da partida com as mãos cheias de tesouros, apanhados nos caminhos. Sobressaem-se «HARMONIA», «HEBE», «SONHO», «VILLANCETE» e «SEDUÇÃO».

O panorama do céu, olhado sem intenções místicas, se descortina, grandioso, em

HARMONIA

O Céu! O grande azul como claro veludo
Estremece ao fulgor das estrêlas de prata.
Harmonia ou silêncio; o grande Céu desnudo
Sob a palpitação dos astros se desata...

Arde um astro, outro além, brilham sóis de oiro em gema;
Côres claras cruzando o espaço em arco e fita
São as prisões do amor, invisível algema
Onde presa uma idéia, idéia nova incita.

Arde por tôda luz um sol claro e fecundo;
Tem segrêdos o som da voz do vento brando.
Os lá do solo, os lá de baixo, os lá do mundo
São surdos ao fulgir de uma aurora cantando...

Fique eu nos astros sempre, e fique assim sòzinho
Dominando o clarão de um raio e a voz da treva!
O Céu é bosque azul, cada uma estrêla é ninho
Donde a luz que dimana é canto que se eleva.

O Olimpo ressuscita com a embriagadora aparição de

HEBE

No manto que se descerra
Sob as translúcidas gazes,
Traz os perfumes da terra
Em mirtos, rosas lilazes.

Parece o busto formoso
Caçoila de essência e cravo;
Seu corpo, — ninho de gozo
É como entreaberto favo.

São de dois sopros de neve
Suas mãos sem agasalho;
Quem quizer beijá-las, deve
Tornar-se gota de orvalho.

Alma cheia de cansaço
Derpertaria em desejos
Para envolvê-la de abraço,
Para cobrí-la de beijos.

Seus olhos são novos mundos,
Nirvanas e Paraísos;
Seus olhos, — espelhos fundos
São feitos de luz e risos.

Da sua boca formosa
Nas vivas tintas vermelhas
Abrem-se olores de rosa,
Fazem colmeia as abelhas.

Nos lábios da côr da aurora
Suspira o desejo langue;
E quando seu rosto córa
É como no leite o sangue.

Há nos seus olhos um raio
Do quente sol de Dezembro,
Da côr dos cravos de Maio,
Côr das rosas de Setembro.

Sob os seus pés côr de espuma
O vasto mundo estremece;
Por que as beije de uma em uma
As flôres entoam prece.

Gorjeios arranca a uma ave;
Doma o tigre, a serpe, o urso;
Vendo o sol rosto tão suave
Parece deter o curso!

Vendo-a tão bela e querida
Quem há que se não transporte?
Pois vê-la uma vez na vida
É santa-unção para a morte!...

A noite, sombreada e silente, envolve no seu longo manto os mistérios do

SONHO

Longe, na noite quieta e silenciosa,
Sôbre o veludo trêmulo do manto
Cheio de sombra, de silêncio e pranto,
Venus parece um beijo numa rosa.

Syrius refulge; e a grande nebulosa
Resplende em sóis e mundos d'oiro! — Tanto
Fitas o céu que mais amplo e mais santo
Fica ao fulgor do teu olhar, formosa!

Ficas sonhando assim, sonho infinito
A que perde meus sonhos, onde habito!
Sonho também, sonho que tanto custa

Viver sem ser escravo aos teus desejos!
Sonha a noite também esma e vetusta
E sonha a terra num rumor de beijos...

A ternura de Omar Kayan e Tagore revive em

VILANCETE

Lembram-me estas lindas rosas
Despontando no jardim
As tuas faces formosas.

Por serem flôres cheirosas,
Os teus lábios de carmim
Lembram-me estas lindas rosas.

Roçam brisas rumorosas
Com asas de querubim
As tuas faces formosas.

É justo o prazer que gozas,
Pois teus olhos de cetim
Lembram-me estas lindas rosas.

Quantas mulheres vaidosas
Si tivessem, para mim,
As tuas faces formosas

Não viriam carinhosas
Pedir que eu dissesse assim:
Lembram-me estas lindas rosas

Vossas bôcas olorosas!
Não lhes direi porque enfim
As tuas faces formosas,

Só elas são deleitosas,
Só elas, branco jasmim!
Lembram-me estas lindas rosas
As tuas faces formosas!

Uns olhos de mulher têm o invencível poder da

SEDUÇÃO

Que olhos mais doces e que luz mais casta
Em outra face de mulher na terra?
Olhar que tece luz, olhar que encerra
A túnica estelar da noite vasta!

Basta que os olhos doce olhem, basta
Que como o sol doirando o rio, a serra,
Em mim se fitem como um beijo que erra
Entre a trama aromal que a boca engasta.

No cofre da paixão doida, incontida,
Para que eu seja mais feliz na vida!
Oh! sedução do amor, glória na morte,

Bendita sejas através dos mundos!
E possa eu ver teus olhos como norte
Quando cerrar meus olhos moribundos!

A letra do «Hino do Ceará» é, porém, o seu momento supremo, a sua obra-prima, o Auterlitz da sua glória. Tudo se apaga e emudece diante da claridade e doçura dessas rimas e métricas que êle modelou como uma estatuário, formando um conjunto de idéias sonoras — versos, versos em que palpita a alma inditosa da nossa terra.

Os hinos, disse Joaquim da Costa Nogueira, sem ter tido a intenção de definí-los, são composições poéticas e musicais feitas em honra de uma nação, de um povo, de um herói, de um fato histórico. Há também hinos litúrgicos, em louvor de Deus, da Virgem e dos santos, correspondendo às horas canônicas. Os hinos de caráter épico, conhecidos com a denominação de cantos, já eram referidos nos Vedas e no Zend Avesta, cantados no Egito e constantes de alguns dos livros sagrados dos hebreus, enfeixados na Bíblia. A Grécia, mãe da inteligência, deu-lhes mais fôrça e graça, em Lícia, Frígia, Trácia e Creta. Homero, pai da poesia, emprestou-lhe os seus atuais requisitos, com os chamados **Hinos Homéricos.**

As nações livres não dispensam os hinos, que despertam as grandes vibrações do patriotismo. Nos campos de batalha, nas festas cívicas, nas paradas militares, nas escolas são êles entoados com fervor. A Grã-Bretanha tem no seu **Good save the King** grave e conciso, a França na sua Marselhesa, marcial e enternecedora, a Itália na sua **Gioveneza** tão de acôrdo com a suavidade do berço de Petrarca, Portugal na sua **A Portuguêsa,** de Henrique Lopes de Mendonça e Alfredo Keil, elementos preciosos de vitalidade, de permanência imutável no porvir.

O Hino Nacional Brasileiro, mais profundamente lírico do que épico, simbolizando um povo que não presta homenagens a Marte, tem a magia dos nossos céus azuis, a fascinação dos nossos dias tranquilos e felizes, em meio às louçanias deste édem americano. Conferiu-lhe Francisco Manoel o ânimo das coisas vivas e Osório Duque Estrada a exuberância das que estasiam pela sua formosura. Com as dádivas do que trabalhou com os vocábulos e do que ajustou as notas musicais, o sublime foi atingido, sendo a Terra de Santa Cruz glorificada pela mais amena de tôdas as canções.

Poderá uma província, simples parte do todo nacional, gozar do privilégio de um hino exclusivamente seu? Certamente que não, pois a isto se poderá opor o que disse Francisco Campos saudando a Bandeira auri-verde: «Tú és a única, porque só há um Brasil». Outrora, depois de 15 de novembro de 1889, não foi assim. Os estados pareciam republiquetas, tinham hinos e bandeiras. Hoje o êrro contra o bom senso está sendo repetido. Mas, não merece censura a existência de hinos estaduais em caráter não oficial, porque assim êles jamais substituirão nas solenidades o que o Império legou à nação. Neste sentido, o «Hino do Ceará», de Thomaz Lopes, elaborado a pedido do Barão de Studart, e o «Hino de Uruburetama», de Soares Bulcão, não atentam contra os interêsses superiores da grande comunidade de que D. Pedro II, o Duque de Caxias e

o Barão do Rio Branco são os elementos humanos mais representativos.

O «Hino do Ceará» sugere um painel encantador em que predominam o colorido, o engenho e os traços delicados conferidos pelo artista, abrangendo bosques, rios, serras e praias e epopéias e heróis. Talvez que se possa descobrir nêle uma aparência de pintura acadêmica, o que não é uma desvantagem, sabido que os Rubens e os Murilos são sóis que não têm ocasos. A música é apaixonada e dolente. A letra é aprasível, ingênua, eloquente e magoada. Eterno, se depois de uma das odisséias periódicas do Ceará nada mais restasse para marcar o sinal da passagem dêste, esquecidos que fossem os capítulos de «IRACEMA», o hino de Thomaz Lopes e Alberto Nopomuceno seria a memória inapagável, o documento venerando.



Alberto Nepomuceno, em 1903
(Da Col. do Instituto do Ceará)

As estrofes esplêndidas, agora como nos tempos que ficaram atrás, repercutem em nossos órgãos auditivos, de maneira inefável:

I

Terra do sol, do amor, terra da luz!
Sôa o clarim que a tua glória conta!
Terra, o teu nome a fama aos céus remonta
Em clarão que seduz!
— Nome que brilha, — esplêndido luzeiro
Nos fulvos braços de oiro do cruzeiros!

II

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!
Chuvas de prata rolem das estrelas . . .
E despertando, deslumbrada, ao vê-las,

Ressôe a voz dos ninhos...
Ha de florar nas rosas e nos cravos
Rubros o sangue ardente dos escravos!

III

Seja teu verbo a voz do coração
— Verbo de paz e amor do sul ao norte!
Ruja teu peito em luta contra a Morte,
Acordando a amplidão.
Peito que deu alívio a quem sofria
E foi o sol iluminando o dia!

IV
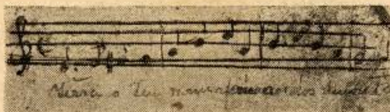
Tua jangada afoita enfune o pano!
Vento feliz conduz a véla ousada!
Que importa que o teu barco seja um nada
Na vastidão do oceano,
Si à prôa vão heróis e marinheiros
E vão no peito corações guerreiros!

V

Sim, nós te amamos em ventura e mágoas!
Porque êsse chão que embebe a agua dos rios
Há de florar em messe, nos estios
E bosques, pelas águas!
Selvas e rios, serras e florestas
Brotam do solo em rumorosas festas!

VI

Abra-se ao vento o teu pendão natal
Sôbre as revoltas águas dos teus mares!
E desfraldando diga aos céus e aos ares
A vitória imortal
Que foi de sangue em guerras leais e francas
E foi na paz da côr das hóstias brancas!



«Hino do Ceará», grafado por Alberto Nepomuceno. — (Da Col. do Instituto do Ceará)

Terra do sol, do amor, terra da luz! Terra ardente, do autor de «Terra de Sol», terra de Gustavo Barroso; terra amorosa, dos idílios de Martim com a bela tabajara, terra de José de Alencar; terra luminosa, do «Hino do Ceará», terra de Thomaz Lopes!

Sim, nós te amamos em ventura e mágoas! Ventura nos invernos abundantes e mágoas quase sempre, nos anos sáfaros que se repetem para que as dôres se renovem.

Os irmãos de Moacir devem resar como uma oração, a sua oração, o «Hino do Ceará».

Na algidez de um chão estrangeiro encontram-se os despojos do grande prosador e poeta, à espera de que, a um gesto de carinho e caridade dos seus conterrâneos, sejam repatriados. Mas os anjos da sua guarda, com uma frase expressiva nos lábios de neve, poderão advertir aos passantes: QUEM ESCREVEU OS VERSOS DO «HINO DO CEARÁ» TRANQUILAMENTE INGRESSOU NA IMORTALIDADE.

BIBLIOGRAFIA

«CRÍTICA E LITERATURA» — Rocha Lima, prefácio de Capistrano de Abreu.
«RETRATOS E LEMBRANÇAS» — Antônio Sales.
«DISCURSO» — Thomaz Pompeu.
«TERRA E POVO DO CEARÁ» — Sílvio Júlio.
«NÓS, AS ABELHAS....» — Martins Fontes.
«LETRAS E LITERATOS» — José Veríssimo.
«O RIO DE JANEIRO DO MEU TEMPO» — Luíz Edmundo.
«COLETÂNEA DE POETAS CEARENSES» — Augusto Linhares,
«O ESTADO NACIONAL» — Francisco Campos.
«NOVAS CORRENTES ESTÉTICAS NA LITERATURA BRASILEIRA» — Elisio de Carvalho.
«ANO ESCOLAR» — Joaquim da Costa Nogueira.
«O MEU VELHO ITAMARATÍ» — Luis Gurgel do Amaral.
«JOÃO LOPES», crônica no «CORREIO DA MANHÃ» — João Paraguassu.
«LIVRO DO ESPÍRITO», «HISTÓRIAS DA VIDA E DA MORTE», «UM CORAÇÃO SENSÍVEL», «CORPO E ALMA DE PARIS», «TERRAS DE FRANÇA», «PAISAGENS DE ESPANHA», «CARAS E CORAÇÕES», «SETE SÓIS», «A VIDA» — Thomaz Lopes.
Testemunhos de D. Alice Lopes Ferreira, filha de Francisco Lopes Ferreira, irmão de João Lopes.